

SUMÁRIO

1. Horizontes da História.....	3
2. O Neoliberalismo	7
3. O Neo-Socialismo	20

Handwritten text, possibly a list or series of characters, located at the bottom of the page. The text is oriented vertically and appears to be a sequence of characters or symbols, possibly representing a list or a series of data points.

NEOLIBERALISMO E NEO-SOCIALISMO

Octavio Ianni

Deptº de Sociologia do IFCH/UNICAMP

I. HORIZONTES DA HISTÓRIA

O globalismo tanto desafia as ciências como as ideologias e as utopias. Os mesmos processos e estruturas do alcance mundial, que abalam os quadros sociais e mentais de referência, abrem um vasto panorama de dilemas e horizontes, no qual se criam e recriam correntes de pensamento de alcance global. É evidente que as teorias sistêmica, weberiana e marxiana, assim como o neoliberalismo e o neosocialismo, entre outras correntes, agitam-se pelos cantos e recantos do mundo. São correntes do pensamento empenhadas em explicar, transformar ou imaginar as configurações e os movimentos da sociedade global, compreendendo os indivíduos e as coletividades, as

tribus e os povos, as nações e as nacionalidades. Como um todo e em suas múltiplas partes, desde o local ao nacional, do grupo social à classe social, da etnia à religião, do partido político ao movimento social, da organização multilateral à corporação transnacional, da geoeconomia à geopolítica, são muitos os segmentos da realidade social mundial que nutrem e dinamizam as mais diversas correntes do pensamento. São teorias, ideologias e utopias que expressam e influenciam a uns e outros, no modo pelo qual se auto-definem, movimentam, lutam ou imaginam o seu lugar no novo mapa do mundo.

É no âmbito dos dilemas e horizontes que se abrem com o globalismo que se formam e desenvolvem o neoliberalismo e o neosocialismo, entre outras correntes do pensamento político. Essas são duas polarizações bastante evidentes na forma pela qual indivíduos e coletividades, grupos e classes, partidos políticos e movimentos sociais, tribus e povos, nações e nacionalidades, organizações multilaterais e corporações transnacionais procuram situar-se no âmbito da sociedade mundial. É óbvio que essas são apenas duas das múltiplas possibilidades e tendências que podem ser observadas nas controvérsias e diretrizes suscitadas pelos dilemas e horizontes do globalismo. Há vários e muito importantes surtos de neofascismo e neonazismo, assim como há intentos de formular propostas neosociais-democráticas ou outras. E é claro que essas também são correntes de pensamento político não só criadas ou recriadas no âmbito do globalismo como fundamentais para que se possa entendê-lo em sua complexidade. Mas é possível priorizar o neoliberalismo e o neosocialismo, já que essas correntes do pensamento político permitem

descober as dimensões teóricas, ideológicas e utopias essenciais das configurações e movimentos da sociedade global.

Aqui cabe lembrar que toda configuração social de vida e trabalho compreende sempre quadros sociais e mentais de referência. As atividades dos indivíduos e das coletividades compreendem sempre modos de ser, agir, pensar e imaginar. A auto-consciência de uns e outros tende a fertilizar-se e dinamizar-se no contexto dos dilemas e horizontes que se abrem no âmbito das configurações de vida e trabalho: tribo, nação, região e mundo.

É óbvio que toda forma de pensamento pode ter raízes mais ou menos importantes no passado próximo ou remoto, assim como dialogam entre si e se lançam no futuro. Simultaneamente, no entanto, elas se fertilizam, mutilam, transformam ou recriam no jogo das relações, no contraponto das forças sociais, compreendendo indivíduos e coletividades, nações e nacionalidades, etnias e religiões, ideologias e utopias, em âmbito local, nacional, regional e mundial.

Daí porque se pode falar em globalismo, como um todo histórico-social ou geohistórico, uma configuração abrangente, complexa e contraditória na qual se inserem as práticas e os imaginários de uns e de outros, em todo o mundo. Daí porque se pode falar em neoliberalismo e neo-socialismo, entre outras correntes de pensamento político, que se fertilizam e dinamizam no jogo das relações sociais ou no contraponto das forças sociais de alcance simultaneamente local, nacional, regional e mundial.

A verdade é que o mundo entrou no ciclo da história global. Algo que já se vislumbrava desde os primórdios dos tempos modernos e que se desenvolve com o mercantilismo, o colonialismo e o

imperialismo, torna-se uma realidade ainda mais evidente e geral com globalismo. No âmbito do globalismo, os indivíduos e as coletividades, assim como as nações e as nacionalidades, situam-se na história mundial. Todos, uns e outros, seja qual for a sua categoria social, etnia, religião, nacionalidade ou convicção política, independentemente do seu entendimento sobre as suas próprias vinculações, todos movem-se também no âmbito do globalismo, além do tribalismo, nacionalismo e regionalismo. Já são evidentes, reiterados ou recorrentes as relações, os processos e as estruturas que desenham as configurações e os movimentos da sociedade global, situando uns e outros, todos, no âmbito da história universal. Esse o cenário em que se movem o neoliberalismo e o neo-socialismo, entre outras correntes de pensamento político empenhadas em explicar, orientar, aprimorar, transformar, revolucionar ou apenas imaginar as configurações e os movimentos da sociedade global.

2. O NEOLIBERALISMO

É no contexto do globalismo que o liberalismo se transfigura em *neoliberalismo*. A nova divisão transnacional do trabalho e da produção, a crescente articulação dos mercados nacionais em mercados regionais e em um mercado mundial, os novos desenvolvimentos dos meios de comunicação, a formação de redes de informática, a expansão das corporações transnacionais e a emergência de organizações multilaterais, entre outros desenvolvimentos da globalização do capitalismo, tudo isso institui e expande as bases sociais e as polarizações de interesse que se expressam no neoliberalismo. São muitas e evidentes as interpretações, as propostas e as reivindicações que se sintetizam na ideologia neoliberal: reforma do estado, desestatização da economia, privatização do empresas produtivas e lucrativas governamentais, aberturas de mercados, redução de encargos sociais relativos aos assalariados por parte do poder público e das empresas ou corporações privadas, informatização de processos decisórios, produtivos, de comercialização e outros, busca da qualidade total, intensificação da produtividade e da lucratividade da empresa ou corporação nacional e transnacional. Esse e outros objetivos e meios inspirados no neoliberalismo impregnam tanto as práticas de empresas, corporações e conglomerados transnacionais como as práticas de governos nacionais e organizações multilaterais. Além disso estão presentes na vida intelectual em geral, dentro e fora das universidades e outras instituições de ensino e pesquisa. E traduzem-se em uma vasta produção de livros, revistas,

jornais, programas de rádio e televisão, tanto quanto se traduzem em ensaios e monografias. Aí mesclam ciência, ideologia e utopia.

Entretanto, os principais guardiões dos ideais e das práticas neoliberais em todas as partes do mundo têm sido o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial ou Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e a Organização Mundial do Comércio (OMC); sendo que esta organização multilateral é a herdeira do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT). Três guardiões dos ideais e das práticas do neoliberalismo; ou a santíssima trindade guardiã do capital em geral, um ente ubíquo como um deus.

“Há um processo transnacional de formação de consenso entre os guardiões oficiais da economia global. Este processo gera diretrizes consensuais, escoradas por uma ideologia da globalização, que são transmitidas aos canais de formulação de políticas de governos nacionais e grandes corporações. Parte deste processo de formação de consenso desenvolve-se em foros não-oficiais, como a Comissão Trilateral, as conferências Bilderberg ou a mais exotérica Sociedade Mont Pelerin. Parte dele caminha através de organismos oficiais como a Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento (OECD), o Banco Internacional de Pagamentos, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Grupo dos 7 (G7). Eles dão forma ao discurso no qual as políticas são definidas, assim como os termos e os conceitos que circunscrevem o que pode ser pensado e feito. Também articulam as redes transnacionais que vinculam formuladores de políticas de país a país. O impacto estrutural desta centralização de influências nas políticas de governos nacionais pode ser denominado de internacionalização do estado. A sua influência mais comum é converter o estado em uma agência para o ajustamento das práticas e políticas da economia nacional às exigências estabelecidas pela economia global. O estado torna-se uma correia de transmissão da economia global à economia nacional, a despeito de ter sido formado para atuar como bastião da

defesa do bem-estar doméstico em face dos distúrbios de origem externa. Dentro do estado, o poder se concentra nas agências mais diretamente ligadas à economia global: escritórios do presidente, do primeiro ministro, do ministro da fazenda e do diretor do Banco Central. As agências mais diretamente identificadas com a clientela doméstica, tais como os ministérios da indústria, do trabalho e outros são subordinadas”.¹

A rigor, o neoliberalismo articula prática e ideologicamente os interesses dos grupos, classes e blocos de poder organizados em âmbito mundial; com ramificações, agências ou sucursais em âmbito regional, nacional e até mesmo local, quando necessário. As estruturas mundiais de poder, tais como as corporações transnacionais e as organizações multilaterais, com frequência agem de modo concertado ou concensual. E contam habitualmente com a colaboração ativa dos governos dos países dominantes no sistema capitalista mundial. Estes são governos, como os dos Estados Unidos da América do Norte, Japão e Alemanha, que dividem mas fortalecem as suas posições no âmbito de blocos regionais, tais como a União Européia (UE), a Associação das Nações do Sudoeste da Ásia (ASEAN), a Coordenação Econômica Ásia-Pacífico (APEC), o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) e o Mercado Sul-Americano (MERCOSUL) entre outros regionalismos.

Sob todos os aspectos, seja proposta teórica ou ideologia, o neoliberalismo revela como se desenvolve a globalização pelo alto, ou

¹ Robert W. Cox, “Global Restructuring: Making Sense of the Changing International Political Economy”, Richard Stubbs e Geoffrey R. D. Underhill (Editors), *Political Economy and the Changing Global Order*, MacMillan, Londres, 1994, pp. 45-59; citação da p. 49.

de cima para baixo. Sempre privilegia a propriedade privada, a grande corporação, o mercado livre de restrições políticas, sociais ou culturais, a tecnificação crescente e generalizada dos processos de trabalho e produção, a produtividade e a lucratividade. Ressuscita a metáfora da “mão invisível”, que estaria cada vez mais presente e ativa em todo o mundo. São várias as metáforas nas quais se expressam alguns dos ideais mais específicos e mais gerais característicos do neoliberalismo: nova ordem econômica mundial, mundo sem fronteiras, aldeia global, fim da geografia, fim da história e outras. São elementos essenciais do discurso ideológico sob o qual reiteram-se e agravam-se desigualdades e contradições estruturais: o trabalho subordinado ao capital, o trabalhador à máquina ou computador, o consumidor à mercadoria, o bem-estar à eficácia, a qualidade à quantidade, a coletividade à lucratividade.

A superioridade do “mercado” sobre o “planejamento” tem sido um argumento frequente entre os neoliberais. Procuram explicar a força e a persistência do capitalismo com base nesse argumento. Alegam que o mercado é o espaço por excelência do intercâmbio entre compradores e vendedores. Baseados nos princípios da liberdade e igualdade econômicas, nas relações entre proprietários de mercadorias, uns e outros beneficiam-se do intercâmbio, troca, competição, emulação, produtividade, lucratividade, escolha racional, individualismo. A todos tendem a comportar-se racionalmente com relação a fins, realizando na prática a metáfora do “homo economicus”. Tudo que é capitalismo estaria apoiado nesse espaço, nessa instituição. E quanto mais livre o mercado, maior o seu dinamismo, maiores os seus benefícios, melhores os seus resultados. Chega-se a afirmar, ou sugerir,

que a prosperidade e a crescente generalização do capitalismo pelo mundo se devem à fecundidade dessa instituição.

Simultaneamente, os neoliberais argumentam que o “planejamento econômico” centralizado, estatal ou governamental é nocivo, distorcivo ou limitativo, no que se refere à dinâmica e à multiplicação dos negócios, das atividades econômicas, do progresso tecnológico, da generalização do bem-estar etc.

Entretanto, os neoliberais deixam em segundo plano, ou mesmo esquecem vários aspectos fundamentais da controvérsia, tanto no que se refere às suas implicações práticas como às teóricas.

Primeiro, é uma ficção jurídico-política, ou propriamente ideológica, a alegação de que compradores e vendedores de força de trabalho e outras mercadorias se apresentam no mercado sob as mesmas condições de liberdade e igualdade. Frequentemente são desproporcionais, ou melhor, descomunais, as diferenças entre as condições sob as quais os compradores e os vendedores de força de trabalho se defrontam no mercado. A empresa, a corporação ou o conglomerado dispõem de poderes excepcionais de barganha, quando comparados com o sindicato, a união operária ou a confederação.

Segundo, os maiores benefícios do jogo das forças no mercado em geral concentram-se nas mãos da empresa, corporação ou conglomerado. Os proprietários do capital e da tecnologia aumentam e alargam os seus ganhos desenvolvendo a concentração e a centralização do capital, ampliando os seus negócios além de todas as fronteiras. Em geral, estão direta ou indiretamente presentes nas agências governamentais, entendem-se com os seus funcionários, dispõem de fácil acesso às tecnoestruturas estatais.

Terceiro, a verdade é que a empresa, a corporação ou o conglomerado sempre operam com base em um rigoroso e sofisticado sistema de planejamento. Essas organizações mobilizam ciência e técnica, sob todas as formas, para diagnosticar, definir fins e meios, estabelecer prioridades e por em prática os seus projetos. Elaboram os seus mapas do mundo, as suas geoeconomias, à revelia dos assalariados e governantes; ou subordinando-os. Tanto é assim que se desenvolvem como poderosos centros mundiais de poder. Muitas vezes, são capazes de se imporem a governos nacionais, influenciarem as políticas ou até mesmo podem provocar a sua desestabilização. E assim levam o planejamento da corporação às últimas consequências, econômicas, políticas ou sociais.

Quarto, o planejamento estatal, tanto quanto o das organizações privadas, pode ser bem ou mal elaborado e executado. E a experiência dos governos socialistas, em vários quadrantes do mundo, revelam que tem havido planejamento centralizado com bom desempenho, tanto quanto os que tiveram desempenho precário. Note-se que os países socialistas, nos quais se realizou a experiência do planejamento econômico centralizado, avançaram bastante na resolução de problemas sociais como os de saúde, educação, transporte, habitação e outros. Sim, pode-se apontar equívocos na formulação de políticas e erros na execução destas, cometidos por governos socialistas. Mas cabe reconhecer que o boicote, o bloqueio e a guerra sem fim, não só ideológica, desenvolvida por governos de países capitalistas e por corporações transnacionais, tiveram um papel decisivo na crise dos regimes socialistas. Será muito difícil explicar como e por quê todos os regimes socialistas entraram em crise simultaneamente, se não se levar

em conta a guerra do capitalismo contra o socialismo; uma espécie de contra-revolução permanente mundial.

Quinto, por fim, a controvérsia “mercado ou planejamento” adquire outros significados quando os seus termos são colocados em âmbitos mundiais, e não apenas nacionais. São cada vez mais evidentes os processos de concentração da riqueza, por um lado, e de empobrecimento, por outro. É crescente a distância entre os que detêm cada vez mais poder e os que detêm cada vez menos poder. São muitos os que reconhecem que o poder econômico e político de uma minoria é excessivamente desproporcional, ou descomunal, em comparação com o reduzido poder econômico e político da grande maioria, em todo o mundo. Daí porque, mais uma vez, a controvérsia “mercado ou planejamento” continua a envolver prática e teoricamente a controvérsia capitalismo ou socialismo.²

Ao mesmo tempo que se desenvolve o predomínio do neoliberalismo, continuam a manifestar-se e a agravar-se as mais diversas tensões e fragmentações. O desemprego estrutural envolve o pauperismo e a lumpenização; as xenofobias os etnicismos e os racismos atingem principalmente os setores sociais assalariados, desempregados, pauperizados ou migrantes; as intolerâncias relativas a sexo e idade também permeiam principalmente esses mesmos setores. Generaliza-se e intensifica-se a privatização da terra, mar e ar, do rio,

² John Kenneth Galbraith, *A Sociedade Justa.*, trad. de Ivo Korytowski, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1996; Tom Bottomore. *The Socialist Economy*, Harvester Wheatsheaf, Nova York, 1990; Jan-Tinbergen, “Wanted: A World Development Plan”, Richard N. Gardner e Max F. Millikan (Editors), *The Global Partnership* (International Agencies and Economic Development), Frederick A. Praeger, Nova York, 1968, pp. 417-431.

lago e oceano, dos campos, florestas e plantações, das ilhas, arquipélagos e continentes. O ecologismo, ou ambientalismo, é também outra manifestação do agravamento das tensões e fragmentações que atravessam a crescente e reiterada privatização dos recursos naturais principalmente pelas corporações transnacionais.

Há algo de uma guerra civil difusa por todos os cantos e os recantos do mundo. O que a guerra fria parecia controlar, ou encobrir, logo se revela à luz do dia sob o neoliberalismo. A nova ordem econômica mundial apenas contempla os interesses das corporações transnacionais, ou as diretrizes das organizações multilaterais, que administram a economia mundial e os interesses da maioria dos governos nacionais atrelados às condições e às exigências do neoliberalismo. Grande parte da população mundial, compreendendo grupos e classes, tribos e nações, empregados e desempregados, migrantes e refugiados, esses em geral padecem carências elementares, vivem a questão social em escala global. Compõem os grupos e as classes subalternos, que os neoliberais denominam “pobreza”, “miséria”, “marginalizados”, “massas”, “multidões” ou “classes perigosas”. Trata-se de categorias sociais formuladas por aqueles que se auto-definem como “elites esclarecidas”, ou “inovadoras”. A rigor, estas “elites” são a parte mais visível de grupos, classes ou forças sociais que detêm a maior parcela do poder econômico e político, em âmbito nacional e transnacional. Compõem os blocos de poder dominante em escala mundial. Enquanto isso, na base da sociedade civil mundial, manifestam-se as tensões e as contradições, que contradizem o discurso neoliberal na prática.

Esse é o contexto em que floresce e generaliza-se uma espécie de guerra civil difusa, latente ou aberta, por todo o mundo. "Lancemos um olhar sobre o mapa-mundi. Podemos localizar as guerras em regiões longínquas, principalmente no Terceiro Mundo. Falamos de subdesenvolvimento, anacronismo, fundamentalismo. Parece-nos que a incompreensível luta transcorre a grande distância. Mas isso é engano. Há muito que a guerra civil penetrou nas metrópoles. Suas metástases pertencem ao cotidiano das grandes cidades não só de Lima e Johannesburg, de Bombaim e Rio de Janeiro mas de Paris e Berlim, Detroit e Birmingham, Milão e Hamburgo. Dela não participam apenas terroristas e agentes secretos, mafiosos e *skinheads*, traficantes de drogas e esquadrões da morte, neonazistas e seguranças, mas também cidadãos discretos que à noite se transformam em *hooligans*, incendiários, dementes violentos e *serial killers*... A guerra civil não vem de fora; não é um vírus adquirido, mas um processo endógeno... Em nível mundial trabalha-se no fortalecimento de fronteiras contra os bárbaros. Mas no interior das metrópoles formam-se também arquipélagos de segurança rigorosamente guardados. Nas grandes cidades americanas, africanas e asiáticas já existem há tempos os *bunkers* dos felizardos, cercados por altos muros e arame farpado. Às vezes são bairros inteiros, nos quais pode-se entrar apenas com permissões especiais. A passagem é controlada por barreiras, câmeras eletrônicas e cães treinados. Guardas armados de metralhadoras complementam de suas torres a segurança da região. O paralelo com os campos de concentração é evidente, com apenas a diferença de que aqui é o mundo exterior que é visto como zona potencial de

extermínio. Os privilegiados pagam pelo luxo com o total isolamento: eles se tornaram presas de sua própria segurança”.³

Acontece que o globalismo é uma expressão desenvolvida do capitalismo, como economia e sociedade, história e civilização.

“Vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos”⁴

Um aspecto particularmente grave da nova ordem econômica neoliberal está sintetizado na expressão do “desemprego estrutural”. Ao contrário do desemprego conjuntural, relativo ao metabolismo regular da economia, o desemprego estrutural, ou tecnológico, implica em expulsão mais ou menos permanente das atividades produtivas. Decorre principalmente da contínua e generalizada tecnificação dos processos de trabalho e produção. Decorre da crescente potencialização da capacidade produtiva da força de trabalho, pela adoção de tecnologias eletrônicas e informáticas. E isto tudo acelerado e generalizado pelos processos de contínua concentração e centralização do capital, em escala mundial. As frequentes associações de capitais, bem como as reiteradas reinversões dos ganhos nos mesmos empreendimentos ou em outros, agilizam a força do capital e fragilizam a força de trabalho. Assim o desemprego se mundializa.

³ Hans Magnus Enzensberger, *Guerra Civil*, trad. de Marcos B. Lacerda e Sergio Flaksman, Companhia das Letras, São Paulo, 1995, pp. 15 e 40.

⁴ Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos (O Breve Século XX: 1914-1991)*, trad. de Marcos Santarrita e Maria Célia Paoli, Companhia das Letras, São Paulo, 1995, p. 562.

Em larga medida o desemprego estrutural está relacionado ao computador, como expressão e síntese das técnicas eletrônicas incorporadas aos processos de trabalho e produção. Como realidade e metáfora, o computador ocupa o lugar do trabalhador, de uma parcela da força de trabalho. Com o agravante de que o trabalhador pode ser desempregado em caráter mais ou menos permanente; vai compor as subclasses que se formam em todo o mundo. Em outros termos, e desenvolvendo a metáfora, começa a ser possível dizer que os computadores estão devorando os homens. Na forma pela qual os computadores estão sendo utilizados nos processos de trabalho e produção, isto é, servindo exclusiva ou principalmente aos interesses daqueles que detém o controle do capital e da tecnologia, fica evidente que os computadores estão realmente devorando os homens por todos os cantos e recantos do mundo.⁵

O modo pelo qual o neoliberalismo se instala, difunde, prolifera e enraíza pelo mundo, ao mesmo tempo provoca o desenvolvimento de desigualdades de todos os tipos. Em lugar do fim da geografia e do fim da história, o que há é um novo mapa do mundo atravessado pelos fluxos do capital, da tecnologia e da mercadoria, envolvendo a produtividade, a reengenharia, a engenharia genética, a qualidade total e, principalmente, a lucratividade, sempre em benefício da grande corporação transnacional. O mesmo desenvolvimento do capitalismo em escala mundial desenvolve as desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais. São as mesmas desigualdades que alimentam e

⁵ Jeremy Rifkin, *O Fim dos Empregos* (O Declínio Inevitável dos Níveis dos Empregos e a Redução da Força Global de Trabalho), trad. de Ruth Gabriela Bahr, Makron Books do Brasil Editora, São Paulo, 1995.

agravam as intolerâncias de todos tipos, formas, cores e credos, do racismo ao fundamentalismo. As multidões de migrantes, retirantes, refugiados e desempregados povoam todo o mundo. Em todos os lugares, o individualismo mercantil, a reiteração da propriedade privada capitalista, a fúria consumista, a expansão da indústria cultural, o monopólio das mentes e corações pelas corporações transnacionais da mídia, em todos os lugares destrói-se o espaço público, desenvolve-se a massificação, criam-se as multidões de solitários. Simultaneamente, formam-se os blocos regionais, operações claramente geoeconômicas, com sérias implicações geopolíticas.

Daí a guerra civil difusa, latente ou aberta, visível ou invisível. Uma guerra sem fim, evidente em muitas partes do mundo, mesclada nas relações entre as nações, nacionalidades, tribos, coletividades, grupos sociais, classes sociais, famílias e indivíduos. Daí o predomínio de estruturas mundiais de poder, tais como as corporações transnacionais, o Grupo dos 7 (G7), a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (CECD), o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial ou Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), entre outras, que operam de cima para baixo, à revelia dos povos e coletividades que compõem a maioria da população mundial.

Esse o reino da intolerância, do autoritarismo, do neo-fascismo, do neonazismo e de outras manifestações políticas enraizadas nas graves desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais que se desenvolvem: por todo o mundo. O clima mental criado com as realizações e os impasses gerados com o neoliberalismo propicia o clima sob o qual irrompem surtos de neofacismo e neonazismo, entre

outras manifestações enlouquecidas do individualismo que se implanta, generaliza e legitima com o neoliberalismo.

Por isso muitos têm medo, intimidam-se, escondem-se ou refugiam-se na ilusão da privacidade. Cercam-se de todo o tipo de aparelhos, equipamentos, parafernálias, *gadgets* e outras mercadorias, de modo a sentirem-se situados, protegidos, seguros, isolados, solitários e prisioneiros; na mesma gaiola de ferro que construíram e na qual não fizeram nem porta nem janela.⁶

⁶ Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, trad. de M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi e Tamáz J. M.K. Szmrecsanyi, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1967, cap. pp. 130-132, Franz Kafka, "Na Colônia Penal", publicado em: Franz Kafka, *Metamorfose, O Artista da Fome, Na Colônia*, trad. de Breno Silveira, Leandro Konder e Eunice Duarte, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969.

3. O NEO-SOCIALISMO

É no contexto do globalismo que o socialismo se transfigura em *neo-socialismo*. O neo-socialismo nasce direta e imediatamente das configurações e dos movimentos da sociedade civil mundial. Forma-se no jogo das relações sociais, ou no contraponto das forças sociais, que caracterizam as tensões e as contradições dessa sociedade; com a peculiaridade de que, desde o início, tem raízes no globalismo. É uma expressão do globalismo, quando os grupos sociais e as classes sociais subalternas expressam o seu protesto, as suas reivindicações, as suas formas de luta e os seus ideais, além das fronteiras estabelecidas, consolidadas, estratificadas, opressivas.

São muitos os movimentos sociais criados no âmbito do globalismo. Alguns são totalmente novos, característicos dos impasses e dos horizontes que se abrem com o globalismo; ao passo que outros são recriações de experiências anteriores, de cunho local ou nacional. Mas são movimentos característicos de uma realidade social mundial problemática. “Na base da emergente estrutura da ordem mundial, encontram-se forças sociais... Novos movimentos sociais, convergentes com relação a questões específicas, tais como o ambientalismo, o feminismo e o pacifismo, surgiram em diferentes escalas em distintas partes do mundo. Alguns movimentos, um tanto vagos e amorfos, relativos ao “poder popular” e à democratização, estão presentes sempre que as estruturas políticas revelam-se seja repressivas seja frágeis. Estes movimentos evocam identidades particulares, podendo ser étnicas, nacionais, religiosas ou de gêneros.

Manifestam-se no âmbito de estados nacionais, mas são transnacionais em essência. E os movimentos indígenas reivindicam direitos anteriores à existência do estado-nação”.⁷

Já são muitas as organizações não governamentais (ONGs) que expressam as inquietações e as reivindicações dos mais diversos setores sociais combinando diferentes países. Mobilizam e conscientizam amplos segmentos da opinião pública, a propósito de problemas sociais relativos a crianças e adolescentes, mulheres, indígenas, migrantes, refugiados, desempregados, ecologia e outros problemas. São movimentos que expressam o outro lado da formação da sociedade global, o outro lado do globalismo. E esboçam alguns lineamentos básicos de um novo contrato social, de uma nova cidadania. Traduzem algo de uma carta de direitos e deveres dos indivíduos e das coletividades em âmbito mundial, além de tudo o que é local, nacional e regional. Algo de cidadão do mundo está presente não só nos que se mobilizam em movimentos sociais transnacionais, mas também naqueles pelos quais se preocupam, pelos quais lutam. “O modo predominante de pensar-se a propósito das organizações não governamentais (ONGs) nos assuntos mundiais é tomá-las como grupos de interesses transnacionais. São politicamente relevantes, já que influenciam as políticas dos estados nacionais tanto quanto as relações entre estes”.⁸ É possível dizer que todos, os militantes dos movimentos e aqueles pelos quais estes lutam, estão desenhando os

⁷ Robert W. Cox, “Global Restructuring: Making Sense of the Changing International Political Economy”, citado, pp. 52-53.

⁸ Paul Wapner, “Politics Beyond the State: Environmental Activism and World Civic Politics”, *World Politics*, nº 47, Princeton, abril de 1995, pp. 311-340; citação da p. 336.

primeiros passos de um contrato social possível, quando se forma a sociedade civil mundial.

É óbvio que a organização, mobilização e conscientização dos mais diferentes setores da sociedade mundial busca e rebusca as suas experiências e os seus ideais passados, próximos ou remotos. Recriam-se conquistas e frustrações, realizações e ilusões. Há sempre algo de recriação crítica do vivido naquilo que é a atividade e a imaginação do presente. Experiências, vivências e ideais podem entrar mais ou menos decisivamente no modo pelo qual uns e outros situam-se e movem-se, ou lutam, no presente. Sob vários aspectos, no entanto, os dilemas e os horizontes do presente entram como determinações decisivas.

Simultaneamente, o neo-socialismo têm raízes no balanço crítico dos experimentos socialistas realizados ou em realização em todo o mundo. Alguns mais avançados e outros incipientes, mas todos significativos, como realizações e conquistas, ao mesmo tempo que equívocos e frustrações. Muito do que tem sido o experimento socialista em vários continentes, em termos de trabalho e emprego, saúde e educação, cultura e criação, tudo isso representa um patrimônio destinado a alimentar as novas propostas do neo-socialismo. Faz tempo que o socialismo é um processo civilizatório presente na história do mundo moderno.⁹

⁹ Robin Blackburn (organizador), *Depois da Queda* (O Fracasso do comunismo e o futuro do Socialismo), trad. de Luis Krausz, Maria Inês Rolin e Susan Semler, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1992; Emir Sader (Organizador), *O Mundo depois da Queda*, trad. de Jamily França, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1995; Bogdan Denitch, *Más Allá del Rojo y del Verde* (Tiene Futuro el Socialismo?), trad. de Lorenzo Aldrete Bernal, Siglo Veintiuno Editores, México, 1991; Boris Kagarlitsky, *A Desintegração do Monolito*, trad. de Flávia Villas-Boas, Editora Unesp, São Paulo, 1993.

É evidente que uma das matrizes do neo-socialismo são as desigualdades geradas, reiteradas e desenvolvidas com a exploração da força de trabalho pelo capital; exploração essa intensificada e generalizada com os desenvolvimentos da “revolução” tecnológica em curso no fim do século XX. A nova divisão transnacional do trabalho e da produção implica em um novo ciclo de globalização das forças produtivas, destacando-se o capital, a tecnologia, a força de trabalho, a divisão do trabalho social, o planejamento e o mercado; sem esquecer o monopólio da violência pelo estado, em geral em conformidade com os interesses de corporações transnacionais grupos e classes dominantes ou blocos de poder predominantes no mundo. Esses são os interesses resguardados por palavras de ordem tais como as seguintes: mundo sem fronteiras, aldeia global, fábrica global, mercadoria global, shopping center global ou nova ordem econômica neoliberal. Esses são os interesses que influenciam a reforma do estado em muitas nações, em todos os continentes, ilhas e arquipélagos: desregulação da economia, privatização das empresas produtivas governamentais, redução dos encargos sociais relativos aos assalariados, abertura dos mercados, reforma dos sistemas de ensino de primeiro, segundo e terceiro graus. São muitas as mudanças institucionais, ou melhor, das relações de produção, que estão ocorrendo nos países de todo o mundo. Implicam no aperfeiçoamento e na agilização das forças produtivas e das relações de produção, em conformidade com os requisitos do modo capitalista de produção; sempre implicando na reiteração ou agravamento das desigualdades sociais em escala mundial.

É claro que o capital se alimenta da força de trabalho potenciada pela tecnologia e pela divisão do trabalho social, em escala local, nacional, regional e mundial. A reprodução ampliada do capital, simbolizada na expansão das corporações transnacionais, apóia-se amplamente na organização e dinamização das forças produtivas, sem esquecer que a força produtiva por excelência é a força de trabalho.

Mas cabe reconhecer que a força de trabalho é múltipla, diferenciada e complexa, distribuindo-se por todo o mundo. A fábrica global e a mercadoria global expressam muito bem o caráter transnacional ou propriamente mundial da força de trabalho; assim como do capital, da tecnologia, da divisão do trabalho, do planejamento econômico governamental e empresarial e do mercado. Na mesma medida que se globaliza o capitalismo, globalizam-se as forças produtivas e as relações de produção.¹⁰

Esse o contexto em que a força de trabalho, individual e coletiva, implica no trabalhador individual e coletivo. Esse o contexto em que os muitos trabalhadores individuais, nos mais diversos locais de trabalho, nos mais diferentes setores produtivos e nas mais distintas nações, formam o trabalhador coletivo transnacional. Assim como o capital leva consigo a formação de grupos, classes ou blocos de poder dominantes transnacionais ou mundiais, assim também a força de

¹⁰ Jeremy Rifkin, *O Fim dos Empregos*, citado, Paul Thompson, *The Nature of Work (An Introduction to Debats on the Labour Process)*, MacMillan, Londres 1989; Ricardo Antunes, *Adeus ao Trabalho? (Ensaio Sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho)*, Cortez Editora e Editora da Unicamp, São Paulo, 1995; Terry Collingworth, F. William Goold e Pharis F. Harvey, "Labor and Free Trade: Time for a Global New Deal", *Foreign Affairs*, vol. 73, n° 1, 1994, pp. 8-13

trabalho leva consigo a formação de grupos, classes ou amplos setores assalariados transnacionais, ou propriamente mundiais.

Por sob o discurso relativo às maravilhas da fábrica global, da mercadoria global, do mundo sem fronteiras, da aldeia global, da nova ordem econômica neoliberal, do fim da geografia ou do fim da história, está a contradição trabalho e capital, ou classes subalternas e classes dominantes. Por sob o discurso relativo às maravilhas das tecnologias eletrônicas e o fim do trabalho está a potencialização crescente e generalizada da força de trabalho, a sofisticação dos meios de produção que intensificam a subordinação do trabalhador às exigências da reprodução ampliada do capital.

Sim, o neo-socialismo tem raízes nessas desigualdades, vistas assim, em âmbito local, nacional, regional e mundial. Mas sem esquecer de que esses níveis da realidade social estão todo o tempo reciprocamente referidos, determinados. Conforme o contexto, um deles pode adquirir importância maior ou excepcional. Mesmo assim não pode ser isolado de todo. E sem esquecer que o todo mundial já se tornou uma determinação importante, muitas vezes excepcional.

Para que se possa articular, movimentar e concretizar, o neo-socialismo depende do reconhecimento de que o lugar da política deslocou-se. A política adquiriu outra complexidade, mais ainda multipolarizada. Além de tudo, o que pode ser pensado ou realizado em âmbito local e nacional, mais do que nunca coloca-se o desafio de pensar e realizar em âmbito regional e mundial. Na medida que os processos e as estruturas de poder que se desenvolvem em escala global se tornam predominantes cabe buscar sempre, todo o tempo, os

significados práticos e teóricos das determinações globais, em tudo o que é local, nacional ou regional.

Portanto, coloca-se o desafio de superar as inibições subjetivas ou objetivas, antigas ou recentes, reais ou imaginárias. “Todavia, é verdade que, ao mesmo tempo em que o mundo se globaliza, enquanto a escala da economia e da administração dos negócios fica mais vasta e mundial, existe uma tendência psicológica das pessoas de olhar para algumas coisas com as quais elas possam se identificar, uma espécie de refúgio da globalização”.¹¹ Essa tem sido uma das reações frequentes em face do terremoto que está abalando as bases sociais e mentais de referência, em todo o mundo. “Nosso drama - qualquer que seja nosso papel nele - está sendo encenado num teatro que conhecemos pouco, num palco que não conseguimos reconhecer bem e em meio a mudanças de cenário imprevisíveis, inesperadas e insuficientemente compreendidas”.¹²

Sim, as determinações constituídas no âmbito do globalismo são fundamentais para a inteligência, o equacionamento e a realização das condições e das possibilidades do neo-socialismo. As determinações locais, nacionais e regionais, todas sempre reciprocamente referidas, têm sido mais ou menos decisivamente influenciadas pelas mundiais. Esse o horizonte do neo-socialismo.

“Trata-se de saber se e sob qual forma continuam a desenvolver-se contradições, necessidades, conflitos e aspirações que exigem ultrapassar do capitalismo, contendo em germe uma concepção

¹¹ Eric Hobsbawm, “O Século Radical”, entrevista a Otávio Dias, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 de julho de 1995, pp. 5-7

¹² Eric Hobsbawm, “A Crise das Ideologias”, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 de agosto de 1995, p. D-11.

anticapitalista das relações sociais e das relações com a natureza. É a maneira pela qual esses conflitos e essas contradições serão interpretadas que decidirá o que o socialismo pode ou deverá ser”.¹³

Sim, o socialismo não é apenas um modo de organizar a economia e a vida social, mas um processo civilizatório de amplas proporções. Transforma, mais ou menos profundamente as condições de existência e consciência, o modo de ser, pensar, agir e imaginar. Tem raízes em outros processos civilizatórios, principalmente o capitalista, visto criticamente. Tem raízes no balanço crítico das condições de existência e consciência que prevalecem no capitalismo, também visto como modo de produção e processo civilizatório. Mas abre outras possibilidades e outros horizontes de emancipação e realização, na medida em que busca a globalização a partir de baixo, dos grupos e classes sociais subalternos, que compõem a grande maioria da humanidade.

“O socialismo deve ser visto como parte de um movimento democrático que surgiu muito antes dele, mas que só através dele pode alcançar seu significado pleno... Assim concebido, o socialismo é parte da luta para o aprofundamento e para a extensão da democracia a todas as áreas da vida. Seu avanço não está inscrito em nenhum processo histórico pré-ordenado, mas é o resultado de uma pressão constante de baixo pela expansão dos direitos democráticos; e essa pressão baseia-se no fato de que a

¹³ André Gorz, *Capitalisme, Socialisme, Écologie*, Éditione Galilée, Paris, 1991, p. 99. Consultar também: Pablo González Casanova, *O Colonialismo Global e a Democracia*, trad. de Márcia C. Cavalcanti, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995; David Held, *Democracy and the Global Order*, Polity Press, Cambridge, 1995; Anthony Giddens, *Beyond Left and Right*, Polity Press, Cambridge, 1994.

grande maioria localizada no ponto mais baixo da pirâmide social precisa desses direitos para resistir e limitar o poder ao qual está sujeita... O socialismo tem de ser percebido como um processo cujo desenvolvimento ocorre em sociedades com organização interna complexas, cuja história deve ser levada em cuidadosa consideração e cujas complexidades precisam ser estudadas. O socialismo não pode descartar tudo o que foi entrelaçado ao longo dos anos na textura da ordem social, a maior parte como resultado de lutas amargas de baixo. Mas também não se pode permitir atolar no "esterco das eras". Trata-se de uma nova ordem social, mas uma nova ordem social que será marcada pelas continuidades bem como pelas discontinuidades. Está arraigada na realidade do presente e esforça-se continuamente por superá-la... O socialismo representa a liberação da sociedade das restrições impostas pelos imperativos do capitalismo."¹⁴

Ocorre que o neo-socialismo tem raízes na formação da sociedade civil mundial. Implica na busca da emancipação individual e coletiva no âmbito dessa sociedade. A partir das realidades dadas, presentes, próximas e remotas, locais, nacionais, regionais e mundiais, implica no descortínio de outras e novas possibilidades de emancipação, realização, criação e imaginação, desconhecidas ou extremamente limitadas no âmbito do neoliberalismo.

É claro que a superação do capitalismo pelo socialismo envolve um processo histórico-social de amplas proporções, atravessado por rupturas e acomodações, progressos e retrocessos, guerras e revoluções, revoluções e contra-revoluções. Trata-se de uma revolução simultaneamente lenta e pacífica, parcial e geral, abrupta e violenta,

¹⁴ Ralph Miliband, "A Plausibilidade do Socialismo", Emir Sader (Organizador), *O Mundo Depois da Queda*, citado, pp. 123-139; citações das pp. 123 e 136.

dependendo das condições prevaletentes no lugar, sempre no contraponto das forças sociais movendo-se em escala nacional, regional e mundial. Aos poucos, ou de-repente, atinge todas as esferas da vida social, compreendendo a economia, a política, a cultura, a religião e a língua, bem como as relações raciais, de gênero e com a natureza.

As teorias, as ideologias e as utopias estão sempre presentes nessa revolução, simultaneamente local, nacional, regional e mundial. Elas fascinam as mentes e os corações de muitos, contra e a favor, mais ou menos ou com indiferença. Povoam o imaginário de partidos políticos, sindicatos e associações, movimentos sociais e correntes de opinião pública de todos os tipos, em todos os lugares.

Mas a superação do capitalismo pelo socialismo depende muito e também da maneira pela qual os indivíduos e as coletividades, os grupos sociais e as classes sociais, as etnias e os gêneros compreendem si mesmo e aos outros, localizam-se na trama das relações sociais, movem-se no âmbito de suas condições sociais de vida e trabalho, imaginam-se na sociedade, situam-se na máquina do mundo.

Sim, o neo-socialismo é um desenvolvimento do socialismo, se entendemos que este está marcado pelos dilemas e horizontes da sociedade nacional e aquele pelos dilemas e horizontes da sociedade global. O neo-socialismo tem raízes na história das lutas sociais nacionais, da mesma forma que as interpretações relativas à dinâmica da sociedade nacional. Mas enraíza-se, simultaneamente, nas lutas sociais que se desenvolvem em âmbito global e nas interpretações relativas à dinâmica da sociedade global. O neo-socialismo pode ser visto como uma forma histórica nova da idéia e prática do socialismo,

na época do globalismo. É um desenvolvimento novo do socialismo como processo civilizatório. Um processo civilizatório que se forma, e transforma no largo da geografia, no longo da história, no curso das lutas sociais e no contraponto das forças sociais que agitam as configurações e os movimentos da sociedade global.

NOME: _____

Name: _____

ENDEREÇO: _____

Address: _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA SUSPENSÃO DA REMESSA
Non-acknowledgement of receipt will indicate that further publications are not wanted.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Caixa Postal 6.110
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (019) 239.8342
Telex: (019) 1150 - Telefax (019) 239.3327
Correio Eletrônico: pubifch@turing.unicamp.ansp.br